

Análise Psicológica (2005), 4 (XXIII): 391-400

# Discursos sobre o Rorschach: Construções na intersubjectividade

ANA MARIA PINA MARTINS (\*)

«O céu, a terra e eu temos a mesma origem  
As dez mil coisas e eu somos da mesma substância.»

Sojo, Mestre Zen, (384-414 d. C.)

A dimensão transferencial/contratransferencial envolvida na relação analítica funda uma epistemologia que acentua a construção do conhecimento como um processo generativo com sede na emergência e expansão de espaços de intersubjectividade onde circulam objectos internos em diálogos entrecruzados e sobreponíveis. O conceito de identificação projectiva, permite entender a comunicação aí desenvolvida como resultante do estabelecimento de pontes relacionais, geradoras potenciais do pensamento, que configuram um espaço comum de experiências diferentemente vividas pelas características únicas de cada um dos participantes, nele autores e intérpretes. Assume assim relevo uma relação entre as esferas intra e intersíquicas, bem como entre realidade interna e realidade externa. Afectos, fantasias, pensamentos e deambulações de rêverie, surgem aí como resultado desse experienciar.

As metamorfoses que ali têm lugar constituem, a esta luz, o resultado potencialmente alquímico dessa dialéctica de subjectividades. A função de rêverie – “co-rêverie”, como a redefine René Kaës (2001) ao acentuar a relação entre a qualidade do sonho e do espaço do sonho, com a do espaço onírico que liga o sonhador ao analista – permite acrescentar, nessa relação uma reverberação imaginária propiciatória de novas ligações e integrações. Comunicações múltiplas num espaço potencial que comporta uma *espiral de ilusão* onde o afecto detém um lugar maior. Espaço de expansão fantasmática, com um ponto de fuga no horizonte da esperança.

Este espaço de subjectividade, criada e compartilhada, que Thomas Ogden (1994) designa como “o terceiro analítico intersubjectivo”<sup>1</sup> ou “o terceiro sujeito de análise criado em conjunto”<sup>2</sup> (co-criação mútua, embora assimétrica, e inconsciente, que influencia a estruturação da relação analítica), faz emergir o conhecimento, agora plenamente entendido como produto de subjectividades e não já como resultado objectivado de

---

(\*) Psicóloga Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

---

<sup>1</sup> “The intersubjective analytic third” (Dada a dificuldade de tradução optámos por referir também os termos originais deste e de alguns outros conceitos de que, a seguir, faremos referência).

<sup>2</sup> “The third co-created subject of analysis”.

processos de apreensão alheios à envolvimento participante do sujeito do conhecimento com o seu objecto do conhecimento.

E posto que a tarefa do analista envolve assim capacidade de acolhimento (que permita o entendimento da experiência vivida na análise à luz da sua realidade subjectiva e do contexto da relação estabelecida entre este e o paciente, e facilite aquele experienciar), capacidade empática (que possibilite a ressonância afectiva), e capacidade de sonho (que conduza a uma mobilidade flexível nas viagens ao inconsciente), o conhecimento do analisando compreende em si o conhecimento do analista, e também a experiência desse outro “terceiro”, situando-se sujeito e objecto de conhecimento como constituintes de uma nova matriz, formulação epistémica e realidade cognoscível.

É assim que o conhecimento, que é, por essência, afectivo, dá origem a cognições emergentes. Surgindo do seio de um processo inconsciente que convoca afectos e fantasias, ele vai criando paulatinamente uma nova história. Aí, o tempo inflecte direcções, retoma-as e sobrepõem-nas, entrelaçando lugares para tecer a história.

A comunicação, através desta viagem que entretete mundos, assiste à expressão de subjectividades que se encontram na criação de um novo significado. Capaz de criar porque banhada na matriz primordial, misticamente pressentida por S. João da Cruz: «*Que bem sei eu a fonte que mana e corre, / mesmo, se é noite! / Aquela eterna fonte está escondida. / Que bem sei onde tem sua guarida, / mesmo se é noite! (...) Nunca é a sua luz escurecida / e toda a claridade lhe é devida, / mesmo se é noite*»<sup>3</sup> (1542-1591 / 1990, p. 61).

A capacidade de rêverie convoca assim a compreensão intuitiva do analista. Este processo imaginário, aparentado a uma espécie de deambulação onírica, institui o que Meltzer, em relação ao sonho, designa como “o teatro que gera o senti-

do”<sup>4</sup> (1984). Compreensão mais nítida quanto mais tolerante ao desconhecimento e permeável ao desconhecido. Considera Meltzer o sonho como: «*uma forma de pensamento inconsciente, (...) que o coloca no centro do processo de pensarmos sobre o significado das nossas experiências emocionais*» (p. 86). Compreensão constitutiva do que Bion designou por “função  $\alpha$ ”, como elaboração da vivência emocional que digere a experiência e nutre o pensamento.

Parece-nos interessante visitar aqui algumas expressões das filosofias orientais, tais como o taoísmo ou o budismo Zen, naquilo em que nos transportam a um convite à rêverie, através da construção de lugares transitivos. Os jardins orientais, cuidadosamente dispostos simbolizando uma cosmogonia própria, e configurados pelos mestres Zen, suscitam no visitante evocações que o conduzem do micro ao macro cosmos, mas também a espaços afectivos íntimos. Escutemos como são evocados e que deambulações suscitam: «*Entrar num jardim é como abrir um livro. Entra-se, olha-se em volta, reconhecem-se algumas das características únicas do jardim. Podem ver-se formas claras, padrões formais de crescimento nitidamente moldados, extensos relvados perfeitamente desenhados, ou ter-se a impressão de uma natureza selvagem deixada mais ou menos entregue a si própria. Podemos sentir suavemente tocados pela paz do jardim, pelas suas colinas e flores, ou perturbarmo-nos profundamente com a sua estranheza. Pode provocar-nos uma sensação de tranquilidade, permitir ao espírito divagar docemente ou, como um livro, conduzir-nos a algum lugar desconhecido da mais secreta natureza de nós próprios*» (A. al-H. Moore, 1992, pp. 9-10).

Estes jardins, construídos de acordo com aquelas filosofias, situavam-se numa área potencialmente produtora de rêverie e criação. Na mesma reflexão suscitada pela arte do arranjo dos jardins Zen: «*À medida que se vai lendo um livro talvez se possam encontrar características que estavam antes escondidas, esbatidas, ou apenas delicadamente enunciadas. Num jardim, tal como num livro, rodeados por estranhos cenários e coisas para serem olhadas, pode ser que a nós próprios*

<sup>3</sup> «*Que bien sé yo la fonte que mana y corre, / aunque es de noche! / Aquella eterna fonte está escondida. / Que bien sé yo do tiene su manida, / Aunque es de noche! / (...) / Su claridad nunca es escurecida, / y sé que toda luz de ella es venida, / aunque es de noche*» – Cantar del alma que se goza de conocer a Dios por fe (S. Joao da Cruz, 1542-1591 / 1990, p. 60).

<sup>4</sup> “The generative theatre of meaning”.

nos encontremos. Num livro, que nos envolve com a sua própria disposição da realidade, nada é real. Quando o lemos deixamo-nos invadir pela satisfação de participarmos numa ilusão, na esperança de obtermos conhecimento ou prazer. Desta mesma forma existem num jardim realidade e fantasia. Foi cultivado intencionalmente, tem um princípio e um fim, uma entrada e uma saída, foi construído por uma determinada razão e pode colocar-nos num estado de espírito inabitual, guiando-nos para que vejamos as coisas de uma maneira nova» (idem, pp. 12-13). Estado de espírito inabitual, habitante da dimensão da fantasia e criador de histórias (narradas umas, sussurradas outras, e ainda das que, não sendo feitas elementos da fala, permanecem ocultas ou cindidas de um processo de construção significante). Disposição empática de onde procede a interpretação.

Pensamos poder este processo, de acolhimento empático e formulação interpretativa, ser de natureza próxima ao da formação da linguagem poética, assente num terreno potencial, área de ilusão onde o real e o imaginário, com tudo o que a um basta e a outro sobeja, convivem de mãos dadas, recriando e descobrindo mundos e transformando adamastores em cabos da boa esperança.

Reflectindo acerca da compreensão do poema Miguel Serras Pereira comenta «Perante a linguagem, o poeta não usa, mas ousa. Se trabalho poético há, trata-se do trabalho do poeta sobre si próprio através do que não é ele próprio, e nomeadamente através de uma linguagem escutada e tacteada no que tem de mais irreduzível a um simples objecto externo e de mais fugidivo e remanescente perante qualquer desígnio de objectivação exhaustiva, ou seja, de uma linguagem em estado nascente» (1986, p. 59). E acrescenta: «esse diálogo [o que se faz perante o poema] – à semelhança do diálogo analítico – só se torna possível e se faz sempre no estofado pré-pessoal da voz do leitor ou intérprete que interroga ou escuta, no estofado de uma outra voz que, para ler ou escutar deveras, sai de si própria ousando nesse movimento reabitar um espaço intermediário ou potencial onde como sugerem já estes termos cunhados por Winnicott a partir de um horizonte clínico próprio, se abre nova encruzilhada entre a literatura e a psicanálise» (idem, p. 59). Nesse espaço intermédio habitado pelo desejo e povoado pelo exercício da função semiótica, é possível anun-

ciar uma ambição de transcendência na produção de uma fala/escuta internas e compartilhadas.

Fala poética como matriz. Disse Manuel Alegre a propósito da poesia: «Talvez ela não seja mais do que o primeiro verso. (...) Talvez tudo esteja neste primeiro verso que é o instante da revelação e da relação mágica com o mundo» (1997, p. 743). E talvez que o seja pelo facto mesmo de ser o primeiro...

À semelhança da poesia, a interpretação na comunicação analítica, move-se neste universo de diálogos de emanação idiossincrática (porque provenientes de ressonâncias íntimas), porém construtores de uma matriz de onde procederá a integração; de pontes relacionais (porque resultantes de um teatro interno constituinte do discurso partilhado, e ali mesmo criador, entrelaçando realidade e fantasia e a ambas permitindo, formando, acrescentando e enriquecendo. Construindo a identidade, também a comunicação analítica propicia, a seu tempo, a experiência da ilusão. Relembrando Winnicott: «O subjectivo tem um valor imenso, mas é tão alarmante e mágico que não se pode desfrutar se não for paralelo ao objectivo. Ver-se-á que o fantasma não é uma coisa que o indivíduo cria para fazer face às frustrações da realidade exterior. (...) O fantasma é mais primário que a realidade, e o enriquecimento do fantasma a partir das riquezas do mundo depende da experiência da ilusão» (1945/1969, p. 43).

Pela linguagem é conquistada uma cidadania psíquica, e a interpretação, concebida na fala, articula-se como construtora de metáforas que subvertem a linearidade discursiva, nomeiam o inominado, habitam o vazio, ordenam o caótico. Fundando e ampliando novas cadeias significantes, ela constitui-se num terreno onde, para além de as variações repercutirem, reinventarem e sublevarem o tema original, é, ele próprio, composição. Toma pois relevo a relação apontada por Eduardo Cortesão: «A atitude empática e a empatia de Kohut, tanto na relação mãe-bebê como na relação analista-analisando, possuem um terreno e um objectivo comuns com a teoria das relações de objecto de Winnicott, com a identificação projectiva de M. Klein e a função alfa de W. Bion» (1990, p. 35).

Criação do conhecimento, num processo de váivém propiciatório de ligações, em que o genuíno interesse que o objecto dedica ao sujeito é alicerçado na curiosidade acesa perante o deslumbramento

mento inicial. Isto é: a possibilidade de acreditar na capacidade para o encontro essencial, criador do acolhimento e contenção, como marca da pulsão epistemofílica, renovo do que Meltzer (1985/1990) designou por “conflito estético” (condição para o conhecimento como resposta ao impacto emocional que escuta aqui os ecos da experiência estética inicial). Como explica Coimbra de Matos: «*A função analisante está alimentada por duas fontes de energia: 1) a curiosidade (pulsão epistemofílica) – é sua intenção querer saber, conhecer – e 2) o amor (pulsão libidinal) – esse contínuo, imperecível e humano desejo de criar*» (A. C. Matos, 1991, p. 97).

Emmanuel Lévinas (1982) coloca a questão do conhecimento numa relação indestrinçável dos limites da consciência do próprio sujeito cognoscente, isto é, inseparável àquele que conhece, apontando o conhecimento do outro, inesgotável pela sua (dele) alteridade, como a residir sempre num conhecimento de si. Implicação máxima constitutiva de uma responsabilidade relacional inalienável. Tem assim o pensamento uma identidade indestrinçável com o pensador, e o objecto do conhecimento é o produto obtido pelo sujeito criador de representações quando estas constituem, para ele, uma forma de sentido. Mas é também uma forma de sentido construída na mutualidade, porque o que se conhece é fruto relacional subjectivamente criado e retomado. Por isso conhecer é compreender, personalizar por apropriação, interiorização, o que antes era diverso, exterior, outro. Convertendo o estranho em familiar, o outro em parte de si.

O conhecimento, que é apropriação do Outro, é movido pelo desejo de conhecer, de aceder à sua *outralidade*. Porém, ao ser constituído, não coincide nunca com esse outro e inalcançável sujeito, para sempre detentor de uma alteridade que nele permanece pela sua própria natureza. Esse estatuto de inatingibilidade do Outro é que lhe confere um carácter a situar-se para além dos limites do conhecimento.

O desejo de alcançar aquela transcendência de que fala S. João da Cruz em estrofes plenas de misticismo: «*Não soube nunca onde entrava, / mas eu quando ali me vi, / sem saber onde parava, / grandes coisas entendi (...) E o espírito dotado / de entender não entendendo, / toda a ciência transcendendo*»<sup>5</sup> (1542-1591 / 1990, p. 39). Desejo que consegue, no encontro pessoal

com o Outro, o cumprimento da sua dupla apresentação, como ser semelhante, onde pode ser possível encontrar os próprios traços, e como realidade, diversa e inexpugnável.

Esse processo captativo encontra condição de existência nesse cruzamento enigmático que, entre dois, descobre novos mares, tanto mais navegáveis quanto possível for a atitude não selectiva e de atenção flutuante de que fala Bion. A advertência de Coimbra de Matos explicita-o: «*Sem memória, sem desejo, e até sem compreensão, quer apenas dizer: a) sem selecção (à nossa vontade) da informação, b) sem desejo de impor ou satisfazer o nosso desejo, c) sem compreensão que anule ou altere a compreensão do analisando*». (A. C. Matos, 1991, p. 97).

Facilitando pois a compreensão da vivência com o Outro, como essência que emana do *encontro*, na captação intuitiva de uma fala, escutada, acolhida e transformada. Movidos pela fé, mas não pelo fado. A este propósito poderíamos aqui citar Manuel Alegre: «*Quando chegares a Samarcanda / Procura o velho manuscrito. Talvez / não reste mais do que uma letra / a sombra de um insecto sobre / a página e a poeira. Mas é aí / que está o canto. / O vinho a mulher a dolorosa / beleza do instante que / passa. / E o murmúrio discreto da poesia / o cheiro do jasmim e da lavanda. / Escuta essa música secreta / procura a flor e a geometria. / Talvez então encontres Samarcanda.*» (1997, p. 729).

Socorremo-nos aqui de uma forma de poesia japonesa do século XVI, os haikus, pequenos poemas imbuídos da filosofia taoista de Lao-Tsé e dos mestres do budismo Zen, de contornos impressionistas e evocativos, para darmos nota de uma descrição produtora de um estado contemplativo onde a brevidade do poema e do instante descrito e a ausência de convite a uma reflexão deliberada, conduz o leitor a uma forma particular de compreensão que encontra fundamento no vazio

---

<sup>5</sup> «*Yo no supe dónde entraba, / pero cuando allí me vi, / sin saber dónde me estaba, / grandes cosas entendi (...) Y el espíritu dotado / de un entender no entendiendo, / toda ciencia trascendiendo*» – Coplas echas sobre un éxtasis de harta contemplación (1542-1591 / 1990, p. 38).

apriorístico a que esse mesmo estado conduz. Para exemplo um desses poemas que parece reflectir, na forma e no conteúdo, a particular atitude de escuta que suscita e que se aparenta com a atitude de despojamento de que atrás falámos: «*Os cisnes selvagens não se reflectem intencionalmente / a água não forma o propósito de lhes receber a imagem*» (Basho, 1644-1694).

A imagética suscitada pelos haikus, consegue um poderoso efeito pictórico, que provoca no leitor uma espécie de imersão emocional na cena descrita, onde estão presentes os elementos do real externo, de características sensoriais marcadas (as formas da natureza, as cores, os contrastes), mas que se reveste também de um clima afectivo muito especial já que, ao registar como uma fotografia, ela capta as sensações fugazes de um momento, a intemporal beleza do efémero, ou a imensa carga dramática de um pequeno lapso temporal: conduz o leitor a um estado meditativo que lhe permite uma compreensão que transcende a palavra (reduzida porque veículo), símbolo de, objecto colocado no lugar de um outro (encontrado porque conhecido), para sempre procurando a transcendência, rebelde e insatisfeita.

Escutemos de novo o mais famoso criador de haikus, o poeta japonês Matsuo Basho, que faz ressoar uma presença mística nos momentos naturais que descreve: «*A Primavera parte / os pássaros choram / os olhos dos peixes estão cheios de lágrimas*». Ou: «*O vento do Outono / mais branco / do que as rochas na montanha gelada*», ou ainda: «*De todas as direcções / o vento trás pétalas de cerejeira / para dentro do lago*» (in Yotsuya, Ryu & Fuyuno, Niji, 2002a). Ou as palavras de outro mestre de haikus, Buson Yosa (1716-1783) que aliou as suas qualidades de pintor às de poeta na construção dos seus poemas, tendo-lhe sido possível criar uma linguagem luminosa e expressiva: «*O ar brilha / pálido voo / de um insecto desconhecido*». Ou: «*Flutua o papagaio de papel / até ao lugar no céu / para onde voou ontem*». Ou ainda: «*Quatro ou cinco homens dançam num círculo / sobre eles / a lua está prestes a tombar*» (in Yotsuya, Ryu & Fuyuno, Niji, 2002b). Uma forma poética que se apresenta, embora não sem virtuosismo estilístico ou propósito expressivo, como presentificação simples e breve de um instante imagético de contornos fugazes e quase impalpáveis, proporcionando com isso uma forte experiência emocional.

\*\*\*

À semelhança do que acontece na relação analítica, tendo por metáfora da experiência emocional esta pequena visita à poesia, focaremos agora o(s) discurso(s) sobre o Rorschach (pois são – como veremos – múltiplos, esses discursos).

A interpretação desses discursos (agora, já – porque interpretação – momento outro) poderá, a nosso ver, encontrar semelhanças, nas suas características, ao exercício da interpretação na relação analítica.

Num primeiro tempo, o discurso produzido perante o material Rorschach, solicitado pelas evocações fantasmáticas possíveis perante as manchas informes, constitui uma recolocação do material interno do sujeito na relação com o clínico, numa reorganização que acontece após o caos da dispersão inicial e retoma a anterior integridade existente no self, nesse momento colocada perante a presença do Outro, a equacionar e realçar os modos de relação aí expressos e o acesso possível a uma identidade.

O paciente formula as respostas, solicitado pelos apelos internos activados pelas características formais e materiais das manchas e das sequências em que elas se apresentam. Formula-as evocando afectos convocados transferencialmente perante a relação com o clínico, em direcção a esse outro, terceiro elemento, *entre ambos e por ambos* criado. De acordo com as suas capacidades de elaboração mental, possibilidades de pensamento ou curto-circuitos das representações mentais sob a forma de elementos do agir, comportamentos ou elementos suspensos numa matriz motora ou sensorial. Naquele trabalho, na fronteira do interno e do externo, movimenta-se dialecticamente o sujeito, entre real e imaginário, reencontrando novos espaços de ligação ou deparando-se com fronteiras intransponíveis.

O clínico, por sua vez, acolhe (pela escrita e pela escuta atentas e disponíveis) a palavra do paciente, e reencontra aquele texto, aquela imagética, *consigo e perante si* constituída, aquelas palavras noutra tempo formuladas (a invocar outros tempos ainda...) e empresta-lhes a sua voz, delas fazendo uma leitura viva. Retoma esses dizeres acolhendo-os, no seu saber e nas suas memórias, face à sua experiência vivida na relação com o sujeito, e com o seu conhecimento e desejo de conhecimento. Mas também com a sua ca-

pacidade intuitiva, pois pensamos que de intuição se trata aqui também. Porque a compreensão do texto de um protocolo implicará análise e síntese, mas a segunda antecederá a primeira. Antecedê-la-á como vivência, eco e construção da fala.

O texto recolhido, tendo como fundo o propósito que lhe deu origem (os motivos – clínicos ou de investigação – que presidiram à sua recolha; o pedido – latente e/ou manifesto – que o apresentou), o contexto em que foi aplicado, a natureza da relação ali criada, o que se conhece acerca da história do sujeito e os modos como ela reverbera, tanto na história pessoal do clínico quanto naquela ali construída, impregna o leitor com as suas tonalidades afectivas. A vivência de que se faz veículo, constitui capítulo de uma outra história emergente, feita de integrações e transformações, coadjuvadora da fala, nela e após ela criada.

Aceitar, partilhar e pensar as páginas dessa história, banhá-la no fermento maturativo que constitui a génese de todas as curiosidades e saberes, traz consigo a necessidade de poder acolher, compreender, e imaginar, de poder viver entendimentos e experiências e de a uns e a outras conseguir convocar e ligar.

E depois de os reportar, recolocar no processo de comunicação devolvendo-os ao sujeito, na assumpção de podermos com isso continuar a tal cadeia discursiva que possa permitir a amplificação de algo, em que podemos encontrar semelhanças com aquilo a que Ogden (1992) referiu como “o sistema que gera o sentido”<sup>6</sup> – que acontece na relação vivida entre a criança e a mãe e conduz, através da identificação projectiva, à transição entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva.

Entender a natureza das respostas formadas perante o Rorschach implica um procedimento de natureza técnica e objectiva: averiguar correctamente a sua localização (configurações perceptivas formadas através dos modos de apreensão), as componentes perceptivas ou projectivas que as determinaram (cor, esbatimento ou movimento), e a constituição e teor do produto concebido (conteúdo). Implica ainda entender a carga simbólica

que nelas se possa encontrar presente, perceber as configurações em que progressivamente se incluem e organizam todos estes elementos: um sem número de componentes da configuração inicial e essencial que organiza, transforma e reordena.

E a toda esta classificação é necessário o entendimento prévio que permita categorizar e ordenar; saber como foi que as respostas se organizaram, em função de quê, sob que aparência material, a que conceitos deram origem (ainda que, sob formas menos prosaicas, aquelas sejam apenas moldadas por outras necessidades/possibilidades internas, somente apresentando reacções comportamentais, siderações bloqueantes ou limitações imagéticas ou discursivas). Entendimento teoricamente fundamentado que permite compreender os processos mentais ali implicados e a relação que ali teve lugar, abrindo caminho a novos significados enriquecedores.

Implica porém, e sobretudo, um outro procedimento de ordem mais impalpável e indefinida e que tem a ver com a experiência vivida *no e perante* o discurso sobre o Rorschach. Aquela que acontece quando se está no momento da prova, perante a fala do Outro, a acordar memórias, fazer ocorrer rêverie, produzir novas falas (falas que a Um e Outro transportam e movimentam). A que sobrevivem depois, perante essa memória, feita agora discurso escrito, memória de afectos e momentos. Toma corpo, então, um novo discurso, o da escrita sobre a escrita (discurso sobre o discurso).

Não encontramos forma mais fiel e fiável de expor o resultado reportado dessa co-construção, que aquela que ambos, afectos e saberes nossos, nos podem ditar. Podemos assim dizer que também a escrita sobre o material projectivo produzido perante o Rorschach é, por essência, afectiva. Constituída entre real e imaginário, entre leitura, reflexão e rêverie, situando-se sobre um espaço transitivo, numa área potencial da esfera do íntimo e espreado e ganhando corpo e alento num espaço de trocas e de intersubjectividade.

Aproxima-se a escrita sobre a escrita Rorschach (material que retoma e acrescenta as produções originais) produzida pelo clínico (agora sujeito, de conhecimento – anteriormente objecto, de relação) no encontro com os dizeres do paciente (agora objecto, de conhecimento – anteriormente sujeito, na relação), por um processo de acolhimento num continente (ali parte integrante; informa-

---

<sup>6</sup> “The meaning generating system”.

do pela experiência decorrente do saber e do saber-fazer), e de cooperação numa experiência (partilhada no que ali se produziu e viveu), numa apropriação, geradora de novos significados.

Também aqui, falamos da construção desta fala. As palavras, que podem virtualmente abarcar a inesgotável multitude dos acontecimentos, acercar-se mesmo de abraçar a irisada gama dos inconstantes matizes do humano, são potencialmente desdobráveis, múltiplas, falas sobrepostas de dizeres transformáveis que desenham movimentos de retorno largo, acrescentado. Nelas se consome o propósito de explicar o mundo, tocado perante o acontecer da contemplação. São irmãos do silêncio na sua natureza de música, parceiro essencial para a celebração concertada de afectos e saberes indizíveis.

É deste universo grande que dispomos e este universo somos nós. Ao escrever depomos no papel a substância viva da nossa compreensão e do nosso espanto. Regressando a uma terra de viagens, precedidas que foram estas de outras, partilhadas, sempre, ainda e sempre interiores. Outras sonoridades se juntaram ou juntarão a elas, são as companheiras, obreiras jovens, filhas dilectas do sol e da lua, a reencontrarem-se consigo mesmas nesse eirado largo. Essas outras correm o corpo e os olhos dos outros, gentes afinal do mesmo chão que somos.

No espaço intersticial que medeia aqueles muitos lugares de subjectividade ganha terreno um território novo, de transição, tomado pelas metamorfoses. Aqui, neste lugar onde se constitui o texto, situa-se também o discurso-sobre-o-discurso-sobre-o-Rorschach (e até onde esta cadeia poderia ser acrescentada...). Ele tem ao seu dispor as ferramentas do possível. Repercuta no leitor (continuação da mesma cadeia discursiva), diapasão que lhe acrescenta cambiantes sensíveis que o vivificam.

São assim, a leitura e a escrita, etapas da alquimia que é a comunicação. Processos de mutabilidade propagada, jamais os pólos da cadeia discursiva, ainda que em vias paralelas, permanecerão idênticos tocados que são por ela.

Na sua condição incontornável de seres vivos, decodificadores dinâmicos gradientes, ao contrário de receptores passivos, co-construtores portanto do discurso (tal como as suas fontes o foram, como já vimos, das condições que o fizeram emergente) são os leitores que aí reporão as harmoni-

as onde a palavra escrita perde em competição com a vida na procura de reportar o que o encontro com o Outro aí permitiu experimentar.

Há pois que aceitar o mistério da tarefa, captando pela escrita o que para nós sentimos na interioridade, entregando nas mãos do leitor o que lhe pertence por direito próprio, convidando-o a reunir-se-nos, visitando-nos neste lugar de intersubjectividade.

Os trabalhos sobre o Rorschach inspirados pela teoria psicanalítica têm apontado sentidos diversos. Acentuando os constructos alicerçados na herança freudiana com relevo para os que configuram a análise tradicional da escola francesa (Rausch de Traubenberg, Boizou, Chabert, entre outros) ou nos que põem a tónica no estudo das relações de objecto (de onde destacamos os pioneiros Rapaport e Schafer, colocando em lugar de primeiro plano transferência e contra-transferência).

Parece-nos porém que os estudos do Rorschach têm mantido, mesmo quando acentuam as dimensões transfero-contratransferenciais envolvidas no processo, uma forte incidência no desvelamento como âmago da interpretação. Entendemos pois que: 1) O aprofundamento de uma reflexão sobre a questão da intersubjectividade poderá concorrer de forma profícua para o desenvolvimento de uma ponderação sobre a interpretação, discursos sobre discursos, perante o material Rorschach, e sobre o papel e as funções da co-construção matricial aí envolvida; 2) O desenvolvimento do estudo da resposta como coisa emergente nesse espaço terceiro permitirá uma melhor aproximação à questão das relações entre corporalidade, subjectividade e situação relacional.

E voltando aos discursos sobre os discursos... «Uma vez [o poema] escrito, – diz-nos Ogden – *perdem importância as questões da autoria e das intenções (conscientes) do autor, uma vez que o leitor é o autor das suas próprias reacções ao que foi dito, ou escrito. Tendo o poema sido escrito a sua parte foi cumprida, torna-se então o leitor, à medida que o experimenta (e por ele é transformado), o criador de significados, o autor de um sentido próprio para o poema, tentando (por vezes) encontrar palavras com que exprimir o que sentiu*» (1999, p. 207). Necessita pois o leitor de se apropriar do que leu. Assim entendemos o destino da escrita Rorschach, a que é dita pelo paciente e recapitulada, re-escrita pelo clínico: uma necessidade de que a linguagem crie uma relação

significante e que não esgote o significado, já que este pode ser sempre múltiplo e auto-generativo. Que possa criar uma relação tal como a relação interpretativa que precisa ser mantida no que diz respeito à metáfora de Freud do “umbigo do sonho”, que não conduza a um esgotamento da fonte, do encontro de sentido.

Perante a criação de reacções do sujeito, no processo-resposta Rorschach, reacções que se situam no plano do imaginário (por produção imagética e conceptual) incide e organiza-se a leitura e a interpretação do protocolo, colocando contenção, rêverie e conhecimento num espaço potencial, de encontro criativo e de transformação. Uma área de criatividade onde o pensamento, aí emergente, alcança expressão na interpretação e co-construção de significados, no encontro com aquilo que ali teve lugar. Área onde residem pre-disposições indefiníveis de objectos em devir.

A sós com o texto do protocolo, ressonância íntima de um macro-cosmos que o excede e o faz ressurgir numa visibilidade de sentido, o trabalho essencial (porque sobre a essência efectuado) situa-se nesse momento, também momento intersubjectivo, do deixar fluir a interpretação, como elaboração procedente de uma intuição com sede numa espécie de *gestalt afectiva* paulatinamente substantificada e proveniente da relação existente.

Assim, seria redutor que o primeiro movimento sobre o texto de um protocolo procurasse observar uma preocupação com a cotação. Mais enriquecedor será permitir primeiro a captação da tonalidade geral residente no discurso e que dele se desprende. Não é também o assento objectivo, categorizável e categorizado, da síntese das cotações, reportada no psicograma equacionado ao normativo, que deve nortear as formulações subsequentes. Muito embora o informe como parte dele integrante, o pensamento do clínico na ocasião da interpretação prosseguirá aquela captação e acrescento dos movimentos anteriormente desenvolvidos ou enunciados. Vale, pois, dizer que ao desenvolver considerações sobre o texto do protocolo há que atender (...entender) a toda a conjunção processual nele presente: os sujeitos e a sua circunstância, em que se cruzam, repercutem e desenham personagens, tempos e lugares, sendo que esses mesmos sujeitos do discurso (discurso criado pelo paciente e pelo clínico), numa resultante relacional e epistemológica, se constituem

dialecticamente como sujeito/objecto de observação.

Também aquele mesmo sujeito/objecto do discurso captado no protocolo, pela própria natureza medianeira de intersubjectividades e de outras cadeias relacionais mais primevas (sensoriais e motoras – elementos que se reportam à sensibilidade táctil, térmica, olfactiva, postural... – designações sem substantivação nem adjectivação, subjacentes aos conceitos criados, ou que têm lugar por via da actuação motora, e que incluem no processo projectivo a presença de elementos de corporalidade) – que é a natureza intrínseca do processo de constituição do discurso Rorschach – quando perante o material da prova, no momento em que acontece o que se usa designar por “processo-resposta”, produz o seu discurso (agora não entendido como um discurso de génese unilateral, embora contextualizada, objecto de interpretação, mas sim como produto relacional intersubjectivo) que se metamorfoseia e ressurge em novas significações/produções de sentido.

No momento de leitura retomada, em que o clínico reencontra o texto e se deixa impregnar por ele, ele permite em si a ordenação de uma imagem do outro e de si próprio – representação das representações de si e da relação, expressão da vivência nela criada, integração constitutiva de uma geometria corporal e do imaginário, onde se repercutem a coesão do self (psíquico e corporal) e a constituição do objecto. Por capacidade de reconhecimento da diferenciação pessoal e da alteridade do outro, dá-se um processo de apropriação empática do discurso do paciente, por exercício da função de rêverie e transformação integrativa dos elementos presentes nas respostas. A dar lugar a um novo discurso, que congrega elementos dispersos e cria uma representação do sujeito perante as configurações relacionais em que ele se situa.

É, pois, o Rorschach um espaço privilegiado de interacções fantasmáticas, produção intersubjectiva e dinamização metafórico-metonímica, bem como de articulação de modalidades defensivas perante situações potencialmente desencadeantes de maiores ou menores *break-downs* vivenciais com repercussão interna, fazendo soçobrar os recursos defensivos e podendo alterar a natureza do processo projectivo. Possíveis oscilações entre corpo real e corpo imaginário (Sami-Ali, 1977, 1987) a patentear situações de impasse relacio-



nal, abalo elaborativo e questionamento identitário, contribuindo para a definição de um estatuto teórico da projecção, no seu carácter onde, como demonstra Sami-Ali (1970) no seu estudo sobre a projecção, o psíquico e o corporal se articulam.

Na leitura do protocolo a sucessão das respostas patenteia, a traços largos, a impressão geral dos afectos dominantes, ou a ausência destes; o movimento, mais ou menos fluente, de vaivém intra-instâncias, ou a lisura de um registo sem fugas nem permeabilidade ao fantasma; formulações com assento no real externo mas onde está presente o recurso à fantasia, ou o aplanamento adaptativo sem subjectividade e sem brechas; uma angústia tolerável com manejo defensivo variado e eficácia criativa, ou uma angústia invasora e incomportável, com falência do processo defensivo, de reportório escasso e insuficiente, com sideração e esgotamento. Através destas impressões, formadas e integradas à medida que a leitura decorre, tece-se a complexidade do sujeito (da resposta) e articulam-se as suas capacidades representativas, expressivas, comunicativas e de constituição self-objectal.

Procede-se pois como que à construção de um puzzle tridimensional, de valências desdobráveis e lógicas complementares e inter-dependentes. Estabelece-se, aos poucos, segundo um ritmo próprio, uma sequência de imagens, comentários, gestos e dizeres que vai construindo uma imagética pessoal, ao mesmo tempo que uma conceptualização própria, que permite formar uma imagem dinâmica do funcionamento do sujeito, perante as solicitações relacionais que lhe são colocadas, a fundamentar toda uma relação particular ao imaginário e ao subjectivo, bem como à corporalidade e ao banal (Sami-Ali, 1980).

Construção pela palavra do desafio à inapelável fissura que separa o sujeito da posse do objecto (destino da alucinação do seio à coisa objectal), conseguida quando alicerçada na matriz introjectada de uma relação essencial promotora de crescimento e transformação, superação do desamparo da figurabilidade ordenadora perante a cosmogonia possível que institui o self, o discurso Rorschach congrega e põe à prova, admiravelmente, as possibilidades lúdicas e criativas do ser na sua grandeza face à finitude, encontrando a perturbante caminhada da sua humana condição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alegre, M. (1997). *30 Anos de Poesia*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Cortesão, E. L. (1990). Narcisismo e relações de objecto. Os trabalhos de H. Kohut e a investigação das relações de objecto. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 31-42.
- Kaës, R. (2001). La polyphonie du rêve et ses deux ombilics. Introduction à une recherche sur l'espace onirique commun et partagé. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 28, 39-60.
- Lévinas, E. (1982). *Ethique et infinie*. Paris: Fayard.
- Matos, A. C. (1991). La función analizante. *Anuario Ibérico de Psicoanálisis*, 2, 89-102.
- Meltzer, D. (1984). *Dream-life. A Re-examination of the Psychoanalytical Theory and Technique*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1985). L'objet esthétique. *Revue Française de Psychanalyse*, 5, 1385-1387.
- Meltzer, D. (1990). O conflito estético e o seu lugar no processo de desenvolvimento. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 5-29.
- Moore, A. al-H. (1992). *Zen Rock Gardening*. Philadelphia: Running Press.
- Ogden, T. (1992). *The matrix of the mind. Object relations and the psychoanalytical dialog*. Londres: Karnac Books.
- Ogden, T. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75, 3-20.
- Ogden, T. (1999). *Rêverie and interpretation. Sensing something human*. Londres: Karnac Books.
- Pereira, M. S. (1986). Poesia e Psicanálise. Um diálogo interminável. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 57-62.
- S. João da Cruz (1542-1591 / 1990). *Poesias Completas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sami-ali, M. (1970). *De la projection. Une étude psychanalytique*. Paris: Payot.
- Sami-ali, M. (1977). *Corps réel. Corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Sami-ali, M. (1980). *Le Banal*. Paris: Gallimard.
- Sami-ali, M. (1987). *Penser le somatique. Imaginaire et pathologie*. Paris: Dunod.
- Winnicott, D. W. (1945). Le développement affectif primaire. In D. W. Winnicott (1969), *De La pédiatrie à la psychanalyse* (pp. 33-47). Paris: PUF.
- Yotsuya, R., & Fuyuno, N. (2002a). *History of haiku – 10 haikuists and their works – Basho*. (Consultado em Fevereiro de 2002). <http://www.big.or.jp/~loupe/links/ehisto/ebasho.shtml>.
- Yotsuya, R., & Fuyuno, N. (2002b). *History of haiku – 10 haikuists and their works – Buson*. (Consultado em Fevereiro de 2002). <http://www.big.or.jp/~loupe/links/ehisto/ebuson.shtml>.

## RESUMO

Evocando as similitudes entre a comunicação presente no processo projectivo, com o Rorschach, e as características especiais que ela assume no encontro analítico, a autora defende a necessidade de um modelo intersubjectivo que permita ao clínico o tipo de compreensão necessário para formular a interpretação do Rorschach.

*Palavras-chave:* Rorschach, intersubjectividade, processo projectivo, rêverie, espaço potencial.

## ABSTRACT

Evoking similarities between communication present in the projective process, with the Rorschach, and the very special characteristics it assumes within the analytical encounter, the author sustains the need of an intersubjective model that allows the clinician to achieve the type of comprehension needed to formulate Rorschach's interpretation.

*Key words:* Rorschach, intersubjectivity, projective process, rêverie, potential space.